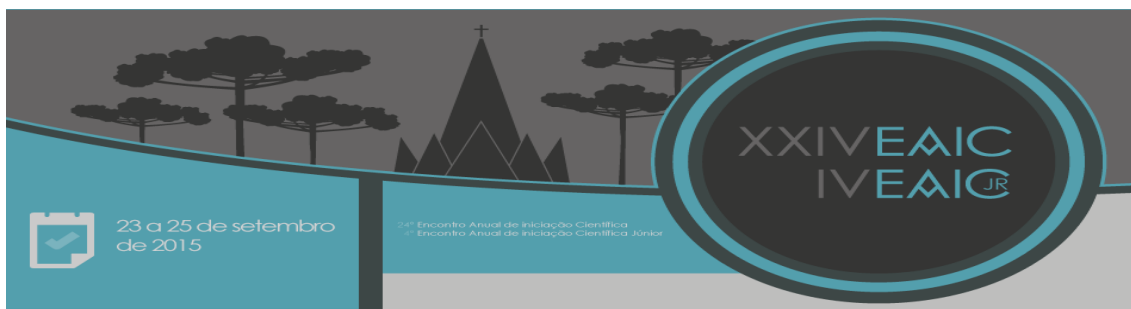




O PACIENTE CRÔNICO FRENTE À ESPIRITUALIDADE E A RELEVÂNCIA DO TEMA NA PRÁTICA MÉDICA

Daniel Lopes Aires (PIBIC/CNPq/UEM), Maria Dalva Barros de Carvalho
(Orientadora), e-mail: mdbcarvalho@gmail.com

**Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Básicas da
Saúde / Maringá, PR.**

Ciências da Saúde – Medicina

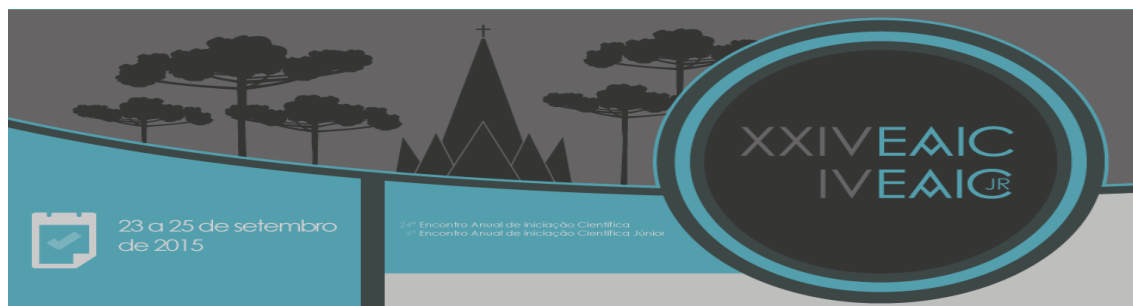
Palavras-chave: Espiritualidade, Medicina, Educação médica.

Resumo

Doenças crônicas foram, em 2010, a maior causa de mortes no Brasil, responsáveis por cerca de 68% do total de óbitos, indicando sua relevância na Medicina. Acerca dos pacientes acometidos por estas comorbidades, diversos estudos apontam a relevância de fatores de ordem não-biológica no enfrentamento da doença. Desta forma, este trabalho tem como objetivo, através de pesquisa de caráter qualitativo, avaliar a influência de um desses fatores, a espiritualidade, na vivência do doente crônico, e a percepção do médico frente ao tema em sua rotina de trabalho. Observou-se a importância que a espiritualidade apresenta na rotina clínica, como ferramenta importante no tratamento proposto, bem como o fato do tema ainda carecer de suporte teórico nas Faculdades de Medicina brasileiras. Desta forma, por meio da constante renovação da educação médica, deve-se fomentar a grade curricular destas escolas, visando o fortalecimento da prática humanista em Medicina.

Introdução

Em 2010, as patologias de natureza crônica, não transmissíveis, foram a maior causa de mortes no Brasil, responsáveis por aproximadamente 68% do total de óbitos (algo como 771.584 falecimentos), denotando sua relevância na clínica. Em relação aos doentes, além do elemento físico, inúmeros estudos apontam para a importância de fatores de ordem não-biológica (estratégias de enfrentamento, suporte social, entre outros), na denominada “Medicina Comportamental” (OKON, 2005). Desta forma, os enfermos querem ser assistidos como um todo; tratados nos planos físico, social, emocional e espiritual. Assim, a questão da espiritualidade emerge como fator a se considerar na rotina médica, sendo sua importância cada vez mais ratificada na prática de assistência à saúde



(PERES, 2007), fato ilustrado pela recente inclusão, por parte da Organização Mundial da Saúde, do domínio espiritualidade / religiosidade / crenças pessoais em seu questionário avaliativo da qualidade de vida da população.

Todavia, mesmo diante da importância do assunto e do fato que nos EUA, por exemplo, quase dois terços das faculdades médicas abordarem a espiritualidade em suas grades curriculares, diversos estudos analisados reforçam a ideia de que a classe médica não está preparada para trabalhar com a questão da espiritualidade do doente (KOENIG, 1991). Este trabalho tem como objetivos avaliar a influência da espiritualidade na vivência do doente crônico e a percepção do médico frente ao tema em sua rotina de trabalho.

Materiais e métodos

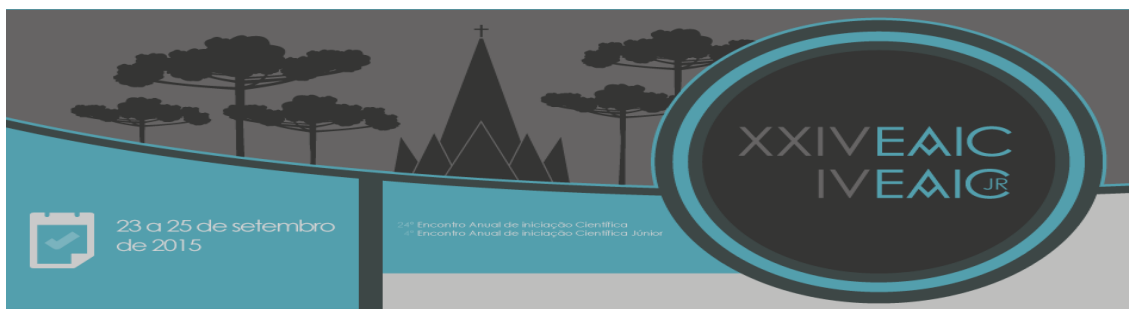
Trata-se de um estudo observacional descritivo, de caráter qualitativo, o qual se realizou em um Hospital de médio porte do município de Maringá, bem como em determinada clínica médica da cidade. Os sujeitos abordados foram pacientes portadores de doenças crônicas, bem como médicos que trabalhavam com este grupo de enfermos (foram convidados 28 médicos, sendo que 27 concordaram em participar da pesquisa), somando um total de 55 indivíduos entrevistados.

Os dados foram coletados por meio de entrevista estruturada e baseada em trabalhos análogos (PEDRÃO, 2010). Todos os sujeitos da pesquisa foram orientados quanto aos objetivos da mesma, com entrega de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a eles.

Resultados e discussão

As práticas médicas vêm, desde o início da década de 1980, enfatizando um olhar mais amplo em relação ao modelo tradicional de atendimento na área de saúde, enaltecendo, por exemplo, a importância de fatores psicossociais. Desta forma, a postura do médico frente ao aspecto espiritual de seu paciente tem impacto direto no fortalecimento desta relação, promovendo, assim, resultados mais satisfatórios nas terapias médicas propostas (PERES, 2007).

A entrevista realizada com 28 pacientes crônicos apontou que a maior parte pertencia ao sexo masculino (54%), com idades variando dos 32 aos 89 anos. Predomínio de donas de casa (32%) e aposentados (29%), casados, majoritariamente (61%). Hipertensão arterial sistêmica de difícil controle foi a patologia mais frequentemente encontrada (46%), seguida por diabetes mellitus tipo 2 (21%) e neuropatias (18%) – alguns pacientes possuíam mais de uma doença de base.



Quando indagados acerca de religiosidade, 39% se afirmaram católicos, 32% evangélicos, 18% com uma crença independente de doutrinas e 11% membros de outras crenças. 79% desses pacientes referiram que sua espiritualidade é muito importante no enfrentamento da doença (“é o que me dá forças para levantar, seguir em frente e acreditar no meu tratamento”). A grande maioria, 89%, relata que seus médicos devem considerar seus princípios (“como Testemunha de Jeová, exijo que meu médico aceite minhas decisões, baseadas em minha crença, frente à doença”).

Apenas 14% dos entrevistados afirmaram já ter conversado com seus médicos, por iniciativa própria, acerca de sua espiritualidade (“disse ao meu médico que ele e Jesus estavam atuando na melhora da minha saúde e ele concordou! Começamos a conversar sobre o assunto e senti que nossa relação se fortaleceu após isso”). Por fim, 21% dos pacientes entrevistados afirmaram que já sentiram preconceito por parte de seus médicos quando expuseram sua espiritualidade (“ele começou a rir quando disse que Deus estava trabalhando na melhora da minha saúde, afirmando serem os médicos responsáveis por isso”).

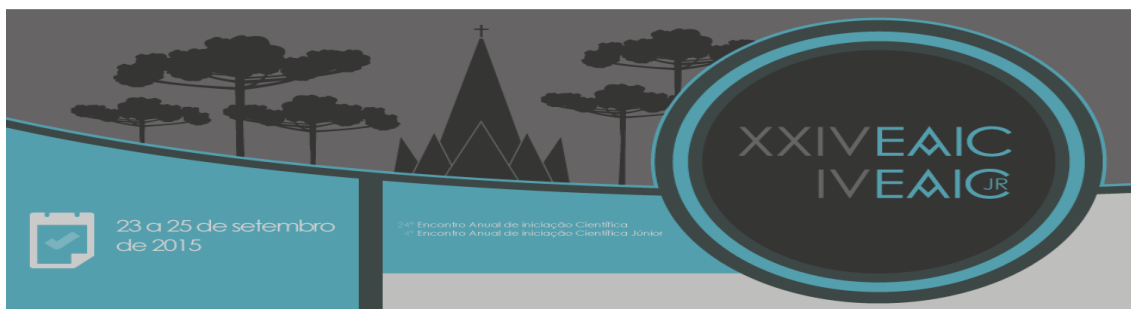
Sobre a entrevista com os médicos, 27 clínicos aceitaram fazer parte do estudo, em sua maioria do sexo feminino (56%) e ligados à Pediatria (41%). 67% desses profissionais estão no mercado de trabalho há, no máximo, cinco anos (15% de 6 a 16 anos e 18% há mais de 15 anos); 52% são casados, sendo o catolicismo a religião praticada por 44% desses profissionais (22% evangélicos, 22% com perfil espiritual independente de religiões, 7% seguidores de outras doutrinas e um clínico ateu).

89% relataram que o médico deve oferecer assistência espiritual a seu paciente, desde que solicitado (“além de servir como prática médica mais humanizada, por certo auxilia no tratamento, aumentando suas chances de sucesso”; “vejo que, em sua maioria, pacientes mais espiritualizados são melhores adeptos ao tratamento, pois encontram maiores forças para enfrentarem suas doenças, e isso deve ser estimulado, quando possível”).

O mesmo montante de profissionais, 89%, referiu alguma experiência prévia com este tema - “certa vez, um paciente me pediu para orar junto com ele e, mesmo não seguindo sua religião, aceitei, porque vi que isso era importante para ele”; “percebo uma crescente busca espiritual, algo que, frequentemente, sustenta um tratamento prolongado e complexo”.

Em contrapartida, apenas 15% dos médicos entrevistados afirmaram que o tema “espiritualidade” foi trabalhado na grade curricular básica do curso – “o que estudei sobre o tema foi por conta própria, uma vez que vejo, diariamente, o quão importante o assunto é para os pacientes e isso, por certo, irá fortalecer nossa relação, resultando em maior probabilidade de aceitação e sucesso do tratamento”.

Conclusões



Por um lado, médicos e pacientes crônicos apontam a relevância que a espiritualidade destes apresenta no enfrentamento de suas patologias, em confronto com a parca abordagem do tema na grade curricular básica dos cursos de Medicina pelo Brasil. Desta forma, buscando fomento da educação médica continuada, a abordagem de temas de cunho não biológico, com importância já comprovada pela ciência, como a espiritualidade, pode ser arma de grande impacto para a prática humanizada em Medicina, adjuvante, assim, ao tratamento clínico convencional oferecido ao paciente.

Agradecimentos

Ao CNPQ e à Universidade Estadual de Maringá, pelo estímulo na produção desta pesquisa. Principalmente, à minha orientadora, Maria Dalva de Barros Carvalho, pelo trabalho inigualável como preceptora de todos discentes que tiveram e têm o mérito fado de serem acolhidos pelo seu singular talento como professora.

Referências

KOENIG, H. G et al. Religious perspectives of doctors, nurses, patients and families: some interesting differences. **Journal of Pastoral Care**, 45, 254-267, 1991.

OKON, T.R. – Spiritual, religious and existential aspects of palliative care. **J Palliat Med**, 8(2):392-414,2005.

PEDRÃO, R. B; BERESIN, R. O enfermeiro frente à espiritualidade. **Revista Albert Einstein**, São Paulo, 8(1 PT 1):86-91, 2010.

PERES, M. F. P. et al. A importância da integração da espiritualidade e da religiosidade no manejo da dor e dos cuidados paliativos. **Rev. Psiq. Clín.** 34, supl 1; pág. 82-87, 2007.